



## O monumento que surge das ruínas: a obra em processo de Walter Benjamin

Paulo C. Cunha Filho\*

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 1.167 p.

Aos mais desavisados, o primeiro deslumbramento surge da enormidade material do projeto: 1.167 páginas recheadas de *exposés*, notas, citações, posfácios; 36 cadernos temáticos, exatos 4.234 fragmentos reconstituídos depois de terem sido anotados à mão, ao longo de mais de 30 anos, entre 1927 e 1940, sobretudo, na sala de leitura da Biblioteca Nacional da França - uma imensidão informacional que representa, igualmente, o esforço de muitos especialistas para dar forma e vida ao inacabamento da mais ambiciosa idéia conhecida de pesquisa social do século XX.

*Passagens*, de Walter Benjamin, finalmente está disponível para os leitores brasileiros, a partir da ousadia da Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), do apoio da Imprensa Oficial de São Paulo, além, é claro, do talento dos professores Willi Bolle e Olgária Matos, com a colaboração de uma equipe de tradutores e assistentes. E, para o registro: mesmo antes destes, há que se fazer justiça aos amigos de Benjamin, que guardaram as pastas em uma Paris ocupada pelos nazistas, e a Rolf Tiedemann, o discípulo de Adorno que, durante 14 anos se dedicou a ler, organizar e publicar o conjunto em alemão.

A tudo isso, acrescenta-se ainda a dimensão invulgar e monumentalmente trágica da vida de Walter Benjamin. O intelectual divergente, sempre à margem do bem estabelecido e cuja origina-

\* Doutor em Artes e Ciências da Arte, Universidade de Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. E-mail:paulocunha@gmail.com



lidade de pensamento o afastava de todo conforto: permanente desempregado, esnobado pela universidade (ao recusar a livredocência), incompreendido – inclusive pelos frankfurtianos –, exilado, fugitivo em pânico e, finalmente, suicida, cuja localização do túmulo é até hoje desconhecida.

Seria uma maneira bem benjaminiana de pensar: talvez a fragmentação de *Passagens*, (além do caráter ensaístico e rigoroso) e a biografia trágica do autor tenham ajudado a aproximá-los dos brasileiros. De fato, o Brasil é, hoje, reconhecido internacionalmente como um dos países onde o pensamento de Benjamin é mais trabalhado, e ainda fecunda a reflexão de alto nível. Há, certamente, uma contribuição importante para essa fama do Brasil benjaminiano nos estudos literários e históricos; mas é no campo comunicacional, especificamente, que a influência de Benjamin tem assumido caráter central, sobretudo, para os especialistas que lidam com questões ligadas à teoria da imagem, à tecnologia, à narratologia e à interpretação alegórica dos produtos midiáticos. Se tivéssemos um sistema confiável de verificação de citações, seria possível constatar até que ponto se confirma a sensação de que um texto como “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*” estaria citado na quase absoluta totalidade dos trabalhos recentes do campo midiático sobre fotografia ou cinema, por exemplo.

Nos estudos de mídia, os benjaminianos mais explícitos foram muito além da aplicação deste texto incontornável para pensar a expansão imagética no século XX. Há anos, como sabemos, começou a se formar progressivamente uma bibliografia brasileira de Walter Benjamin, que incluía, principalmente, os três volumes das *Obras escolhidas* (Brasiliense), as *Reflexões sobre a criança, o brinquedo* (Ed. 34), *O conceito de obra de arte no romantismo alemão* (Iluminuras), o ensaio sobre a *Modernidade e os modernos* (Tempo Brasileiro), *Correspondência* (Perspectiva), *A origem do drama barroco alemão* (Relógio d’Água).

Todos os textos passaram a constituir um acervo que se mostrou capaz de apoiar uma reflexão sobre a comunicação e a cultura contemporâneas. Passaram eles a ser associados a interpretações fundamentais de especialistas como P. Arantes, S. P. Rouanet, J.-M.





Gagnebin, F. Kothe, sem falar dos organizadores da edição brasileira de *Passagens* e das diversas teses e dissertações que ora tratavam diretamente do pensamento de Benjamin, ora o aplicavam para entender fenômenos midiáticos do contemporâneo.

Agora, com *Passagens*, esse conjunto ganha, ao mesmo tempo, um fechamento clássico absoluto e um eixo ordenador, na medida em que o conjunto reúne tanto a principal reflexão metodológica do pensador alemão quanto a sua aplicação mais incisiva, a partir da análise da metrópole (embora o termo não tenha sido usado por Benjamin) e do retrato da vida moderna. Há, em *Passagens*, mais paixão e mais rigor do que em todas as outras obras de Benjamin e a multidão de momentos luminosos vai certamente gerar debates no Brasil por muitos anos. Entre outros motivos, porque propõe um padrão de pesquisa e de texto que interpela diretamente os nossos modelos acadêmicos mais conservadores.

O uso do fragmento, a constituição da obra aberta e em progresso, a abertura para a subjetividade e até para o devaneio deveriam nos inspirar a repensar as fórmulas mais fechadas do texto acadêmico, cada vez mais presas na tecnicidade dos vocabulários específicos, cada vez mais pretensamente “científicas” na organização padronizada dos sumários, cada vez mais despersonalizadas pelo uso da terceira pessoa. O caráter profundo do modelo benjaminiano, exposto em *Passagens*, é o da implicação absoluta do autor no texto e o da postura libertária diante dos dogmas teóricos. Nesse sentido, o tratamento que Walter Benjamin dá à interpretação marxista é exemplar, assim como a utilização dos procedimentos surrealistas e da psicanálise. Ao empurrar as margens da sua reflexão para os limites extremos do possível no século XX, o que *Passagens* nos lega é a crítica aos nossos próprios procedimentos na pesquisa e na produção do conhecimento no século XXI.

Nessa perspectiva, *Passagens* é um monumento que aparece entre as ruínas. Ali onde parecia haver inacabamento, fragmentação e incoerência, a obra de Benjamin se mostra paradoxalmente inteira, a ponto de não sabermos se seria melhor ou pior se o autor tivesse, caso a fatalidade houvesse tomado outra curva da estrada, “concluído” o seu livro. Isto porque, uma das delícias de





*Passagens* é descobrir os seus diversos planos, os seus sumários sucessivos – todos eles interessantes, todos eles possíveis, mas todos redutores diante do que de fato restou.

No precioso posfácio que escreveu na edição brasileira, Willi Bolle chama a atenção para o caráter poético, polissêmico do termo “*passagens*”, que se refere, a um só tempo, aos lugares da cidade de Paris que atraíram a atenção de Benjamin (sentido topográfico), mas também à mudança de época, pois o que se descortina é a transição do período revolucionário para a era do capital (sentido temporal) e à forma do próprio texto, construído a partir de uma espécie de hipertexto *avant la lettre* que somava e ligava milhares de “*passagens*” com citações e comentários. É um bom roteiro para abordar a leitura de *Passagens*: olhar como Walter Benjamin conseguiu interconectar espaços físicos da metrópole, transformações contextuais e uma forma de pesquisar e escrever para nos mostrar não apenas o retrato de um tempo ou de um lugar, mas a condição do humano na aurora da modernidade.

*Passagens* permite verificar, também, a vasta gama de objetos que Benjamin usava para refletir: coisas do cotidiano, gestos, fotografias, recortes de jornais, anúncios, poemas e romances. Ao coletar, de forma tão aberta, e ao demonstrar como se constrói a coerência da observação, Walter Benjamin deixa, talvez, a sua contribuição mais revolucionária: não há pensamento possível sem a implicação absoluta do pesquisador naquilo que é pensado. E é tão raro vermos, atualmente, entre nós mesmos, a generosidade de um pensamento que se constrói – e que não se envergonha de se mostrar assim –, que a própria existência de *Passagens* serve para fazer imaginar como um verdadeiro trabalho de pesquisa, seja ele produzido ou não dentro das universidades, pode efetivamente ser um instante fulgurante de criação.